

IGREJA E SUICÍDIO: QUANDO OS PADRES SE “AUTODESTROEM”

*Fabiano Albuquerque de Lima**

Resumo: Com base em acontecimentos recentes de suicídios e casos de depressão, que vieram à tona na mídia entre padres católicos, a presente pesquisa refletirá a relação do suicídio autodestrutivo com os riscos que os padres se submetem quando se sobrecarregam muito em suas atividades diárias. Para tal intento, no primeiro momento abordar-se-á o conceito de suicídio e os graus de suicídio. Daqui decorrerá o ponto fulcral de nossa reflexão que num segundo momento relacionar-se-á o primeiro grau de suicídio, que é o autodestrutivo, com a possibilidade de “autodestruição” de muitos padres que levam uma vida desgastante sem se preocuparem com o cuidado de si e o amor a si mesmo. A título de conclusão, compreendemos que: a comunidade eclesial é fator determinante para ajudar os padres que necessitam ser mais compreendidos e acolhidos nesses momentos.

Palavras-chave: Igreja. Suicídio. Autodestruição. Padre

INTRODUÇÃO

O interesse principal para desenvolver essa temática foi despertado pelo acontecido recente (2016) em que três padres cometeram suicídio, também, além disso, pelo fato de ter sido interpelado atualmente pelo crescente número de padres com problemas de depressão, ansiedade, entre outros problemas psiquiátricos. Contudo, discorrer sobre um tema desses é desafiante, além da falta de referencial bibliográfico, também temos vários “tabus” sociais a serem quebrados. Se o tema do suicídio já é problemático por si mesmo, imagine o suicídio no âmbito religioso. Por isso, esse trabalho tem o intento de explicitar que muitos padres estão no primeiro grau de suicídio, no sentido de autodestruição, quando já não são capazes de cuidar de si mesmos devido ao excesso de trabalho que assumem.

Para que se pudesse chegar ao objetivo do trabalho, far-se-á necessário, no primeiro ponto, a distinção de três graus do suicídio: suicídio autodestrutivo, intermediário e extremo, feita por Bastos em seu livro, *Suicídio: estudo psicossocial*. A partir de tal distinção, especificando o suicídio autodestrutivo, no segundo momento, afirmar-se-á, analisando a vida de muitos padres, conforme pesquisas recentes, se chegará à conclusão de que: os padres “cometem” suicídio, mesmo que inconsciente e num primeiro estágio, que precisa de atenção, quando se sobrecarregam de atividades e já não conseguem “amarem a si mesmos”.

* Bacharel em Filosofia e Bacharelado em Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza. Trabalho orientado na disciplina de Bioética, 2017.II, pelo prof. Dr. Pe. Marcos Mendes.

1 SUICÍDIO E GRAUS DE SUICÍDIO

O tema do suicídio ainda é algo desconhecido pela maioria da população. Mesmo que a maioria das pessoas já tiveram uma experiência na família ou que já ouviram falar, ainda não compreendem o porquê de uma pessoa tirar a própria vida. Nisso encontramos alguns “tabus” e, até mesmo, preconceitos por parte de muitos em relação a uma pessoa que tentou suicídio, que tenha falado em suicídio ou alguém que o suicídio fora consumado. Mas, podemos nos perguntar: o que de fato é o suicídio¹? Existe um único grau de suicídio? Tentemos nas linhas que seguem explicitar um pouco essas questões.

A palavra suicídio, etimologicamente falando, significa: *sui* = si mesmo + *caedes*=ação de matar. É uma ação praticada por uma pessoa que tem a vontade de matar a si mesma, morte intencional. O suicídio é um fenômeno complexo, assim como é complexa a vida humana, pois está relacionado a uma pluralidade de fatores: sociais, individuais, culturais, familiares etc. Além do mais, não é fácil definir o que seja realmente uma atitude autodestrutiva. Nisso, podemos fazer uma leitura mais aprofundada do suicídio não apenas numa descrição sociológica² (como fez o sociólogo Durkheim) ou de outras tendências, mas do ponto de vista de que, o suicídio é um fenômeno autodestrutivo que poderá ser compreendido por um contínuo existencial. Conforme Bastos,

a partir de tal contínuo, em certo instante, não só se observa uma pessoa que está razoavelmente administrando-se, em termos de seus problemas cotidianos, como também, avançando nesse contínuo, de repente constata-se que ela se encontra desistindo de lutar e procura o suicídio. Em outros termos, de um lado, em um dos extremos do contínuo, situa-se o instante em que o indivíduo está vivo, de outro lado, e outra extremidade, encontra-se o

¹Conforme Bastos, é muito difícil conceituar o suicídio. Primeiro devido à dificuldade de coloca-lo fora de visões preconceituosas, dificultando seu estudo mais aprofundado, sobretudo no âmbito psicossocial. A segunda questão é na academia. “Em relação ao plano acadêmico, deparamo-nos com dificuldades inúmeras para conceituar esse fenômeno de forma padronizada, livre de quaisquer polêmicas. Dentre elas, destacamos: o suicídio é um evento que ao ocorrer em geral está relacionado a uma pluralidade de fatores; trata-se de uma questão que não só tem um sentido que varia ao longo da história, como também, em termos de cultura, apresenta-se com diferentes significados. Isso sem contar que fica difícil precisar o que seja de fato uma atitude destrutiva: por exemplo, podemos caracterizar como suicida aquele que bebe excessivamente ou o que fuma? [...] Enfim, é em decorrência dessas e outras polêmicas que cada escola faz determinado recorte e conceitua o suicídio a partir de seus pressupostos básicos” (BASTOS, R.L. **Suicídio: estudo psicossocial**. Rio de Janeiro: e-papers, 2006, p.24).

² Diversas escolas apresentam seu modo de ver o suicídio, “há o suicídio conceituado e defendido por uma escola sociológica, na qual se destaca o estudo de Durkheim, há o suicídio defendido e estudado do ponto de vista da psicanálise, da psicologia analítica, da psicologia institucional e assim por diante” (Ibidem). Nosso trabalho não segue essas maneiras de ver o suicídio. Preferimos aqui seguir a ideia do suicídio como contínuo existencial.

instante em que o mesmo está firmemente determinado a se matar e tem êxito no seu intento³.

Dentro dessa perspectiva, percebemos que existe não apenas o suicídio no singular, mas suicídios. Esses são manifestados em diferentes graus, que expressam a possibilidade de avanço entre a vida e a possível morte de um suicida, nos quais podemos diferenciar três: grau de autodestrutividade, grau intermediário e grau extremo da morte de si própria⁴.

1.1 Grau de autodestrutividade

Esse primeiro grau de suicídio é inconsciente. É o grau compartilhado por todas as pessoas. Isso não quer dizer que todas as pessoas tenham a tendência suicida ou até mesmo tentará o suicídio. Podemos dizer que, aqui, temos as fantasias suicidas, mesmo que elas não sejam conscientes numa pessoa. Por exemplo: uma pessoa que fuma ou ingere muito álcool, indiretamente, está expondo a sua própria vida a morte. É semelhante àquilo que Bento chama de *suicídio indireto*⁵. Nessa ótica, essas pessoas não procuram diretamente a morte, mas o fazem com outras atividades perigosas à vida. Podemos situar aqui os mártires da Igreja que sacrificam suas vidas para testemunhar seu amor a Jesus Cristo. Aqui, colocamos os sacerdotes (padres e bispos) que doam a sua vida inteiramente sem muitas vezes se preocuparem com a própria saúde psíquica e física. Sobre essa questão do suicídio autodestrutivo e a vida sacerdotal, discorreremos melhor no segundo ponto de nossa pesquisa. Basta saber, de momento, que o sacerdote que não cuida de si mesmo, vive sobrecarregado, sem tempo para si, está incorrendo nesse grau de suicídio.

1.2 Grau intermediário

No grau intermediário, temos o momento decisivo para perceber o fenômeno do suicídio numa pessoa. É nesse grau, diferente do anterior, que explicitamente a pessoa manifesta concretamente, por meio de sinais, atitudes comportamentais e pistas de que quer suicidar. Além de mostrar pistas de querer se destruir, a pessoa atinge no mínimo a tentativa do suicídio. Ressalvando-se as exceções, temos ambiguidade nas pessoas nesse grau: de um lado, querem morrer, e de outro, querem viver. Nem sempre as pessoas que chegam de fato ao objetivo do suicídio querem morrer. Nesse caso é importante acolher e buscar ajuda profissional terapêutica às pessoas que tentam o suicídio e/ou até mesmo estarmos atentos

³ Ibidem.

⁴ Cf. Ibidem, p. 25.

⁵ BENTO, L.A. **Bioética: desafios éticos no debate contemporâneo**. São Paulo: Paulinas, 2008.p.110.

àquelas pessoas que demonstram não estar bem consigo mesmas e que, sutilmente, mandam uma mensagem alertando acerca de uma possível tentativa de suicídio⁶.

1.3 Grau extremo da morte de si própria

Nesse grau, a pessoa de fato quer morrer e manifesta o desejo de tal. Aqui devemos ter muito cuidado com essas pessoas, pois elas não querem apenas se matar, mas há uma grande chance de se matarem. A exemplo do grau intermediário em que a pessoa precisa de ajuda, mais do que nunca, nesse grau extremo, uma “multiajuda” profissional se faz urgente (médicos, psicólogos, assistente social, igreja), além do papel necessário da família na tentativa de reverter a situação. Temos nesse grau, os suicídios consumados que levam à morte.

Esse grau extremo do suicídio, que na sua maioria são consumados, temos um exemplo dentro do meio religioso católico recente. Em novembro de 2016, três padres⁷ tiraram a própria vida, chegaram ao extremo da morte de si próprios. Algo que causou muitos questionamentos acerca da possibilidade de uma pessoa que é de Deus, pertencente a Igreja Católica, que defende a vida em primeiro lugar, cometer tal ato. Tendo como base esses casos recentes de suicídio no clero brasileiro e com base no primeiro grau de suicídio apresentado, elencamos na sequência o ponto central de nossa pesquisa: as possíveis causas que levam um sacerdote católico a cometer o suicídio e a ajuda que toda a comunidade eclesial pode oferecer aos sacerdotes, que não são imunes a esse fenômeno.

2 PADRES E O SUICÍDIO AUTODESTRUTIVO

Ser padre é uma vocação que requer muitas qualidades numa única pessoa. Isso porque os sacerdotes são tratados quase como que “super-homens”, pessoas que tem “super-poderes” e que a todo o momento devem estar a disposição para servir a comunidade eclesial,

⁶ Segundo Bastos, “trabalhos importantes da suicidologia, tal como o de Stengel (1969), mostram-nos que em 75% dos casos, antes que venha realizar uma tentativa de suicídio, a pessoa dá uma mensagem alertando-nos acerca disso. Espantosamente, apesar dessa mensagem ser emitida, na maioria das vezes, nem sempre ela é entendida e acolhida devidamente. Dessa forma, como essa comunicação pode ser entendida como um “pedido de socorro”, um signo que nos fala de “algo que não está bem””(BASTOS,op.cit.,p.26).

⁷Os três padres que suicidaram no mês de novembro de 2016 são: Padre Rosalino Santos, 34 anos de Corumbá-MS; padre Ligivaldo dos Santos, 37 anos, da paróquia Senhor da Paz, em Salvador-BA e padre Renildo Andrade Maia, de 31 anos, pároco da Igreja de Jesus Operário, em Contagem-MG (cf. BERNARDO, A. Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda. BBC: 2017 In: www.bbc.com/portugueses/amp/brasil-39740596. Acesso em 15 de outubro de 2017). Além desses casos de suicídio consumados, temos casos de dois padres midiáticos, padre Fábio de Melo e Padre Marcelo Rossi, que manifestaram publicamente seus problemas, respectivamente, a Síndrome do Pânico e a Depressão.

seja na administração dos sacramentos, na direção espiritual, bem como nas obras de caridade. É um solucionador de problemas! O padre, na ideia de muitos, é uma pessoa incansável. Com todo esse imaginário acerca da pessoa do padre, acaba-se esquecendo aquela igualdade primeira que todo ser humano criado por Deus carrega: ser pessoa humana.

Evidentemente, não podemos separar o ser padre, da sua personalidade. No entanto, é preciso recordar que o padre é alguém que se alegra, fica triste, sorri, chora etc. Toda a sensação que um ser humano tem, o padre também possui. Como afirma Pinto, “a vida religiosa não dá superpoderes aos padres. Pelo contrário. Eles são tão falíveis quanto qualquer um de nós. Em muitos casos, a fé pode não ser forte o suficiente para superar momentos difíceis”⁸.

Diante desse contexto, podemos observar que, por estranho que pareça, muitos padres fazem parte do primeiro grau de suicídio: o suicídio autodestrutivo ou indireto. Mesmo que seja inconsciente e que não se tenha a intenção e nem se cogite a morte, mas pelo fato de se sobrecarregar de muito trabalho e não tirar um pouco do tempo para cuidar de si, o padre está se autodestraindo.

É, justamente, pela sobrecarga de trabalho, falta de lazer e, muitas vezes, por desmotivação que os especialistas dizem que esses são os principais motivos que levam o padre ao suicídio. Segundo especialistas consultados pela BBC e conforme a pesquisa de 2008 do Isma Brasil, que tem a finalidade de analisar o estresse dos brasileiros, constatou-se que “a vida sacerdotal era uma das ocupações mais estressantes: dos 1.600 padres e freiras entrevistados naquele ano, 448 (28%) se disseram “emocionalmente exaustos”, um percentual superior ao dos policiais (26%), dos executivos (20%) e dos motoristas de ônibus (15%)”⁹. Nisso, os padres estão cometendo de forma inconsciente o suicídio no primeiro grau, pois se “matam” em suas atividades, esquecendo-se que precisam de tempo para si, de amarem a si mesmos.

Já que muitos padres estão se “autodestraindo” com uma grande carga de trabalho, é sempre bom elucidar que nessas condições são mais vulneráveis a desenvolver doenças psíquicas, sobretudo a síndrome de burnout¹⁰ ou síndrome do esgotamento profissional¹¹.

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem.

¹⁰ “O termo *burnout*, do inglês “combustão completa”, passou a ser utilizado para definir um tipo de estresse relacionado ao trabalho. Esta palavra foi cunhada, na década de 1970, pelo psicólogo Herbert Freudenberg, para definir o esgotamento que acometia um grupo específico de profissionais especialmente dedicados ao cuidado de outras pessoas, como, por exemplo, médicos, enfermeiros, sacerdotes etc. Esses homens e mulheres, que se sacrificam pelos outros, são colocados sob extrema pressão e passam a se sentir esgotados, exaustos, apáticos e incapazes de lidar com a situação, ou seja, veem-se “completamente queimados”, tal qual um palito de fósforo que se consumiu completamente (“burnout”)” (LIMA. V; PRECINOTI. I. Padres com Síndrome de Burnout?

A Síndrome de burnout tem efeitos catastróficos na vida dos padres, sobretudo em seus trabalhos pastorais e no relacionamento com os outros. Conforme Lima, “caso o [padre] acometido, [com essa síndrome] não procure ajuda profissional ou se não ocorrer mudanças no seu ambiente de trabalho, pode causar transtorno de estresse pós-traumático, abuso de álcool e/ou medicações e concepções suicidas”¹².

Destarte, o padre nessas condições da síndrome de burnout para se chegar aos outros dois graus do suicídio (intermediário e suicídio consumado) não se torna difícil, pois aumenta-se a sua vulnerabilidade. Para que isso não venha acontecer, são importantes algumas precauções por parte dos padres e da comunidade eclesial: a primeira prevenção é que os padres tirem um tempo para si, façam valer o seu tempo livre para o lazer e o período de férias assegurado pelo Código de Direito Canônico¹³; a segunda precaução é no que tange à fraternidade presbiteral, como seria bom ter um clero sempre unido e atento as necessidades uns dos outros, pois possibilitaria mais a abertura para o diálogo e a ajuda mútua! A terceira, é por parte da comunidade eclesial, que deve julgar menos e ajudar mais os padres nessas condições. Não julgar achando que está faltando a esses padres é vida de oração. “Isto é um reducionismo que pode chegar a ser grave pecado de calúnia, [...]. Mesmo as pessoas que vivem intensamente a fé e uma sólida espiritualidade estão sujeitas, sim, ao esgotamento físico e, portanto, à necessidade de ajuda”¹⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentada foi uma tentativa de explicitar uma realidade bastante complexa que é o suicídio no âmbito da vida dos padres. Para atingir o objetivo supracitado, optamos por uma linha de pensamento (existem várias) que faz a distinção entre três graus de

CNBB: 2016. In: cnbbleste1.org.br/2016/12/padres-com-sindrome-de-burnout/. Acesso em 29 de novembro de 2017).

¹¹ A síndrome de Burnout nos padres católicos tem sido motivo de várias pesquisas por parte de estudiosos da área da psicologia e psiquiatria. Segundo Mézerville, num estudo feito recentemente constatou que três em cada cinco dos mais de novecentos presbíteros entrevistados na América-Latina estão leve ou gravemente esgotados em suas atividades, já não aguentam mais. Ao passo que a autora constata isso, também constata que a forma de vida como os padres vivem, sobretudo o equilíbrio emocional, práticas esportivas, o autocuidado, a maturidade humana e espiritual, tem ajudado a elevar a qualidade de vida pessoal e ministerial dos presbíteros (cf. MÉZERVILLE. Helena Lopez. **O desgaste na vida sacerdotal: prevenir e superar a síndrome de burnout**. São Paulo: Paulus, 2012). Esse número alarmante tem motivado vários encontros de formação voltados para a temática sobre a síndrome, possibilitando uma chance maior da prevenção (cf. Op. Cit. LIMA. V; PRECINOTI. I. Padres com Síndrome de Burnout? CNBB: 2016).

¹² Ibidem.

¹³ Cf. *Cân..533 §2*. In: **Código de Direito Canônico**. São Paulo: Loyola, 2001.

¹⁴ BERNARDO, A. Op.cit.

suicídio. Daí veio a tese central do trabalho que foi utilizar o primeiro grau de suicídio, que é o autodestrutivo na vida dos padres.

Duas conclusões podem ser apontadas ao término da pesquisa: a primeira é que a vida de um padre que se sobrecarrega muito em seus trabalhos e que não dedica nem sequer seu tempo livre para descanso, lazer, esporte etc, tem a possibilidade maior de desenvolver um problema psíquico e de esgotamento físico, isto é, está promovendo a sua autodestruição, um suicídio, mesmo que indireto e que não tenha a intenção para tal. A segunda conclusão, mais exortativa, é que tanto os padres quanto a própria comunidade eclesial são responsáveis por cultivar uma vida saudável junto aos seus pastores. O padre, estando bem consigo mesmo, poderá ajudar melhor as pessoas; amando a si, é capaz de amar o outro, evitando que o último grau de suicídio fatalmente venha acontecer.

Diante dessas duas conclusões, podemos apontar duas orientações pastorais para que possam ajudar os padres nessa situação de um suicídio “autodestrutivo”. O primeiro passo para que os padres não esqueçam de cuidarem-se de si mesmos é a promoção por parte das diocese de um olhar mais especializado para essa dimensão, envolvendo sacerdotes e leigos, isso porque a maioria dos leigos não compreende a vida exaustiva dos padres. Por isso, propõe-se que se tenham encontros, terapias em grupos, envolvendo não só os padres, mas os leigos, para que aos poucos possam compreender melhor os seus pastores e estes, amando a si, sirvam melhor aqueles que lhes foram confiados.

A segunda orientação é para que os bispos, além de promoverem formações (como já acontecem em muitas dioceses) com o intuito do autoconhecimento e cuidado com a saúde psíquica dos padres tenham, também, mais afeto e compreensão para as fragilidades propriamente humanas dos seus presbíteros, pois estes devem ter abertura, encontrar acolhimento nos seus bispos, responsáveis, por excelência, na saúde integral de seu presbitério.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, R.L. **Suicídio: estudo psicossocial**. Rio de Janeiro: e-papers, 2006

BENTO, L.A. **Bioética: desafios éticos no debate contemporâneo**. São Paulo: Paulinas, 2008.

BERNARDO, A. Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda. BBC: 2017. In: www.bbc.com/portugueses/amp/brasil-39740596. Acesso em 15 de outubro de 2017

Código de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2001.

Compêndio do Vaticano II. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DURKHEIM, E. **O suicídio. Estudo sociológico**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

LIMA, V; PRECINOTI, I. Padres com Síndrome de Burnout? CNBB: 2016. In: cnbbleste1.org.br/2016/12/padres-com-sindrome-de-burnout/. Acesso em 29 de novembro de 2017

MÉZERVILLE, Helena Lopez. **O desgaste na vida sacerdotal: prevenir e superar a síndrome de burnout**. São Paulo: Paulus, 2012.

PELLIZZARO, G. *Suicídio*. In: COMPAGNONI, F;PIANA,G.PRIVITERA,S. **Dicionário de Teologia Moral**. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

PINTO, E.B. **Os Padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.